Correio da Manhã

Ano CXXV - Nº 25.137

Divulgação

#cm2 QUINTA-FEIRA



PARA VOAR

Representante brasileiro na corrida pelo Oscar de Melhor Filme Internacional, **'Feito Pipa' faz sua estreia comercial nesta quinta.** Ao mesmo tempo, o longa do cearense **Allan Deberton promove campanha internacional para seduzir os votantes de Hollywood** com a história do menino Gugu **(vivido magistralmente pelo ator mirim Yuri Gomes)**. E a emoção ainda transborda nas telas com a estreia do dilacerante longa mineiro **'Vicentina Pede Desculpas'**, de Gabriel Martins. Págs 2 e 3

A aceitação como **tema autoral**

Depois de passar uma semana em pré-estreia no Odeon, 'Feito Pipa', que abriu sua travessia internacional pela Berlinale, carrega vitórias no júri popular de Gramado e da Mostra de SP

Jamille Queiroz/Divulgação



Dilma (Teca Pereira) e Gugu (Yuri Gomes) lavam roupa e enxaguam cumplicidades

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Coroado mundialmente com 14 prêmios e uma menção honrosa, "Feito Pipa" abriu a semana vencendo a 55ª edição do Molodist Kyiv International Film Festival, na Ucrânia, no domingo, sob a justificativa de "destacar o difícil processo de crescimento, na relação entre pai e filho, com atuação extraordinária". A referência aí envolve o menino Yuri Gomes, a veterana Teca Pereira e o também diretor, escritor e ativista Lázaro Ramos.

A conquista ucraniana veio nas raias da láurea de júri popular na Mostra de São Paulo, conquistada há uma semana cravada, no mesmo dia em que sua (tocante) narrativa serviu de atração (re)inaugural das atividades do Odeon. A partir desta quinta, após uma semana de pré-estreias, o longa-metragem cearense, com raízes em Quixadá, configura-se oficialmente "em cartaz" no circuito popular, com a fama de ser o nosso representante no sonho do Oscar.

Com doçura de "Sessão da Tarde" e coragem de lidar com temas espinhosos de uma sociedade homofóbica, sexista e impaciente com suas populações idosas, essa produção foi escolhida em 16 de setembro para trilhar um caminho até Hollywood.

Allan Deberton, seu realizador, conhecido pelo multipremiado "Pacarrete" (2019), leva essa dramédia queer pelo mundo numa mobilização para tocar o coração da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, tendo como

> *"Foi muito delicado o trabalho com o Deberton, de uma precisão grande, pois onde tinha muito, ele tirava; onde tinha pouco, ele colocava"*
>
> **TECA PEREIRA**

A PREMIAÇÃO DO LONGA (ATÉ AGORA)

Festival Internacional de Cinema de Berlim (Berlinale), na Alemanha: Urso de Cristal e Grande Prémio do Júri Internacional.
Festival Internacional de Cinema de Cartagena (FICCI), na Colômbia: Prêmio de Melhor Atuação para Yuri Gomes.
Festival Internacional de Cinema de Guadalajara (FICG), no México: Prêmio de Melhor Filme e Prêmio de Melhor Atuação para Teca Pereira e Yuri Gomes.
Festival de Cinema de Gramado, no Brasil: Melhor Direção, Melhor Atriz (Teca), Melhor Coadjuvante (Lázaro Ramos), Menção Honrosa para Yuri Gomes e láurea do Júri Popular.
Out On Film – Atlanta, nos EUA: Melhor Longa-Metragem de Ficção, Melhor Direção e Melhor Atuação para Teca Pereira.
Queer Film Festival München, na Alemanha: Prémio do Público.
50ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, no Brasil: Prêmio do Público de Melhor Longa-Metragem Brasileiro de Ficção.
55ª edição do Molodist Kyiv International Film Festival, na Ucrânia: Melhor Filme

Edison Vara/Ag.Pressphoto



O realizador cearense Allan Deberton com o Kikito de Ouro de Júri Popular conquistado no último Festival de Gramado

> *"É uma história sobre o Brasil, sobre o lugar do perdão, do diálogo familiar, dos encontros, que tem toda uma equipe numerosa por trás de si"*
>
> **ALLAN DEBERTON**

Divulgação



Pereira (Lázaro Ramos) e Gugu (Yuri Gomes) em cena: pai e filho numa relação de incompreensão

principal aríete sua consagração na Berlinale, de onde saiu com o Urso de Cristal. No mercado internacional, suas vendas tem sido conduzidas pela M-Appeal, com acordos de distribuição na Dinamarca, Bélgica, Indonésia, Holanda, Espanha, Argentina e Colômbia.

Coroada com o Kikito de Gramado por sua atuação nessa saga afetuosa de reencaixes, Teca Pereira, uma paulistana de 74 anos, essencial aos palcos da maior metrópole do país desde a década de 1970, encara o êxito mundial de um filme repleto de pessoas pretas como o marco de uma travessia decolonial. "É uma conquista. Todos temos coisas a resolver, num processo histórico que foi andando, melhorando com muita luta e muito empenho, por conta da boa vontade de nós, pretos, de resistirmos", disse a atriz ao Correio da Manhã na Serra Gaúcha, a minutos de ela ser ovacionada por seu desempenho como Dilma, a avó cheia de vida de Gugu, o papel de Yuri. "Foi muito delicado o trabalho com o Deberton, de uma precisão grande, pois

onde tinha muito, ele tirava; onde tinha pouco, ele colocava".

O ponto mais tenso dessa construção foi encontrar a gradação do estágio de demência que Dilma apresenta logo que "Feito Pipa" arranca. É ela quem cuida de Gugu, um craque de bola na casa dos 11 anos, bom à pampa no futebol, orgulhoso de sua destreza e em paz com a sua orientação LGBTQIAPN+. Sua mãe morreu assassinada, em função de seu envolvimento na luta acerca de uma barragem. Essa morte é apenas um sussurro na trama, que investiga o tema habitualmente explorado pela obra de Deberton (a aceitação) na relação entre Gugu e seu pai intolerante, o caminhoneiro Batista (vivido por Lazinho), que já formou uma nova família, num segundo casamento.

Dilma ama Gugu seja lá sob que bandeira ele estiver. Mas ao dar sinais de que está se esquecendo de elementos cruciais do seu dia a dia, inclusive do menino, ela terá de buscar um novo caminho. O mesmo vale para o Don Quixote mirim encarnado por Yuri. Na estética de Deberton, seu Cavaleiro da Alegre Figura sonha com um Nordeste de tolerâncias.

"Nesse filme, a expressão 'amor' vem desde o meu desejo de fazer cinema, de contar alguma coisa para as outras pessoas. É uma história sobre o Brasil, sobre o lugar do perdão, do diálogo familiar, dos encontros, que tem toda uma equipe numerosa por trás de si", diz Deberton. "No que a gente avança pelo mundo, toda uma indústria, que se fez no Ceará, caminha junto. Hoje, no exterior, nós estamos sendo reconhecidos num lugar próspero. Espero que, aqui dentro, a partir deste 5 de novembro, que é a nossa estreia oficial, o Brasil consiga conhecer, um filme para a família, sobre sonhos, sobre memórias".

Divulgação Netflix



'Vicentina Pede Desculpas' tem Rejane Faria em estado de graça

Principal rival de "Feito Pipa" no rol de longas finalistas para a escolha do nosso representante ao Oscar, "Vicentina Pede Desculpas" será lançado na Netflix no próximo dia 20, mas, nesta quinta-feira, estará disponível em diferentes salas do país, com distribuição Malute.

Produzido pela Filmes de Plástico, de MG, esse drama crepuscular fez sua primeira aparição no Festival de Tortonto, o TIFF, no Canadá, e passou em San Sebastián, na Espanha, em concurso pela Concha de Ouro. Ganhou por lá Menção Especial na entrega do Prêmio SIGNIS. Na 28ª edição do Festival do Rio, em outubro, o longa foi laureado nas categorias Melhor Direção e Melhor Roteiro, assegurando dois troféus Redentores para seu realizador, Gabriel Martins. Também foi o eleito do Júri Popular, no gosto carioca.

Em "Vicentina Pede Desculpas", Rejane Faria tem uma atuação em estado de graça vivendo uma professora aposentada, de 75 anos, que precisa lidar com a morte do filho, num desastre rodoviário, administrando as dúvidas (e suspeitas policiais e jurídicas) que cercam a tragédia. Seu rebento, chofer de ônibus, era o condutor do coletivo que caiu de um viaduto. Sem saber se o rapaz errou na condução ou se teve alguma culpa ao volante, Vicentina resolve visitar as famílias das vítimas e se desculpar com cada uma delas.

"Minas é um estado grande. Os vários rostos que aparecem no ônibus no início da história da Vicentina nos contam a história de pessoas que se mudaram de outras cidades mineiras, às vezes, algumas bem pequenas, para uma região metropolitana como BH, onde parte do filme foi feito, sendo que eu venho de Contagem", diz Gabriel. "Sendo ficção ou não, um filme é sempre o documentário de um tempo". (R. F.)

Divulgação



Cordélia Brasil

Personagens no **limite do absurdo**

Nova montagem de 'Cordélia Brasil', clássico de Antonio Bivar, dirigida por João Fonseca, estreia no Teatro Glauce Rocha

Escrito nos anos 1960, o texto de Antonio Bivar segue pertinente: escancara a potência da mulher e o desejo de igualdade social. "Cordélia Brasil", a grande obra da trajetória do autor, chega agora ao Teatro Glauce Rocha, em curta temporada às quintas-feiras, às 19h, até 26 de novembro. A direção é de João Fonseca, responsável por sucessos como "Cazuza" e "Minha Mãe é uma Peça".

A tragicomédia se passa em uma quitinete decadente no Rio de Janeiro. Cordélia, vivida por Paula Goja, trabalha como auxiliar de escritório e começa a se prostituir para sustentar o marido Leônidas (Antonio Pina), um homem inerte, em constante procrastinação, que sonha em ser escritor. A chegada do jovem Rico (Pedro Pedruzzi) estremece a relação do casal.

Com humor ácido, a peça coloca em foco personagens que vivem no limite do absurdo — e expõe o peso da obrigação do cuidado e o esgotamento físico e mental imposto às mulheres, convidando o público a questionar o quanto se avançou na promessa de uma sociedade menos desigual.

"Cordélia Brasil" coloca em xeque a opressão, a solidão, o etarismo e a sobrevivência em meio ao fracasso dos sonhos, em uma montagem que comove e faz rir do ridículo existente em cada um de nós. Bivar tangia toda a sua dramaturgia como um manifesto da contracultura, e a peça consolidou-se como o ponto alto de sua obra.

A produção já percorreu os teatros Firjan Sesi Caxias, Futuros, Casa de Cultura Laura Alvim, Centro Cultural Justiça Federal, Teatro Vannucci e Teatro da UFF, levando uma legião de espectadores. No elenco, ao lado de Goja, Pina e Pedruzzi, a equipe reúne cenário e figurino de Nello Marrese, luz de Nina Balbi e assistência de direção de André Celant.

SERVIÇO

CORDÉLIA BRASIL

Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro)
De 5 a 26/11, às quintas-feiras (19h)
Ingressos: R$ 40 e R$ 20 (meia)

Uma trama **de mentiras na fazenda**

Sucesso internacional visto por mais de 250 mil pessoas, o espetáculo com Armando Babaioff chega ao Teatro da Ilha

Depois de conquistar plateias no Brasil e no exterior, "Tom na Fazenda" entra em turnê por 30 cidades brasileiras e chega ao Teatro da Ilha para duas apresentações, nesta sexta e sábado (6 e 7), às 20h, com elenco que reúne Armando Babaioff, Denise Del Vecchio, Iano Salomão e Camila Nhary e direção de Rodrigo Portella.

A peça é baseada na obra "Tom à la Femme", do dramaturgo canadense Michel Marc Bouchard. Em cena, o publicitário Tom (Babaioff) vai à fazenda da família para o funeral do companheiro. Ao chegar, descobre que a sogra (Del Vecchio) nunca tinha ouvido falar de sua existência — nem sabia que o próprio filho era gay. Para piorar, ela está à espera de Helen (Camila Nhary), a "namorada" do filho morto.

Nesse ambiente rural e austero, Tom é envolvido em uma trama de mentiras criada pelo truculento irmão do falecido (Iano Salomão). A fazenda, aos poucos, vira cenário de um jogo perigoso, em que quanto mais os personagens se aproximam, maior a sombra de suas contradições.

Philot Studio



Armando Babaioff e Denise del Vecchio em 'Tom na Fazenda'

"Todo redemoinho que devastará a vida dos que fogem das normas surge no núcleo de suas próprias famílias", comenta Portella. "Bouchard compôs uma obra de estrutura impecável. Ele vai fundo nas contradições dos seus personagens, o que os torna muito próximos de nós e traz o problema para dentro das casas, para o núcleo familiar mais íntimo, que todos nós conhecemos", completa o diretor.

Um dos espetáculos mais premiados do país, "Tom na Fazenda" já foi assistido por mais de 250 mil pessoas, em mais de 600 apresentações, no Brasil, Canadá, França, Bélgica, Suíça, Reino Unido e Coreia do Sul. Integrou festivais como Avignon, Edimburgo e Festival de Busan, além de temporada em Paris, a convite do Théâtre Paris-Villette, com recorde de público e bilheteria. Recebeu elogios de veículos como Le Monde e The Guardian.

Na passagem pela Europa, o jornal francês Libération escreveu: "É raro ver uma encenação ser ovacionada de pé todas as noites e uma atuação alucinante de seus atores". No Canadá, foi aplaudida por 12 minutos consecutivos durante o Festival TransAmériques. Produzida pelo próprio Armando Babaioff, a montagem venceu os prêmios da Associação de Críticos de Teatro de Québec, Cesgranrio, Shell, APTR, Botequim Cultural, Questão de Crítica, Cenym e APCA.

SERVIÇO

TOM NA FAZENDA

Teatro da Ilha (Estrada do Galeão, s/nº, Ilha do Governador) | 6 e 7/11, sexta e sábado (20h) | Ingressos entre R$ 25 a R$ 120

Quem é Rei...

‘Elvis Presley in Concert’ une a voz do astro exibida em telão a uma orquestra de 30 inregrantes no palco do Qualistage nesta quinta

AFFONSO NUNES

Quando um rebolativo Elvis Presley apareceu em rede nacional, em 1956, a televisão nos Estados Unidos ainda era uma sala estreita, em preto e branco, e o rock’n’roll, uma linguagem que deixava os pais de cabelo em pé e, por isso, mesmo, excitava adolescentes. Quase 50 anos depois de sua morte, o Rei do Rock volta a ocupar uma tela, agora do tamanho de um palco, no concerto “Elvis in Concert Live On Screen” nesta quinta-feira (5), às 21h30. no Qualistage. Uma orquestra de 30 integrantes executa ao vivo as canções que fizeram de Elvis o primeiro superastro da música no século 20 enquanto a voz virá de imagens de arquivos de televisão e cinema exibidas no telão.

O show chega ao Rio como uma das paradas brasileiras do programa que antecipa os 50 anos da morte do cantor, a serem completados em 2027. A própria Graceland, em Memphis, já anunciou que abrirá o calendário do chamado Elvis 50 entre 7 e 10 de janeiro, com concertos, conversas e uma apresentação de “Elvis Presley in Concert” acompanhada pela Orquestra Sinfônica de Memphis. Antes disso, o Brasil recebe a maior circulação nacional do formato: seis capitais, de São Paulo a Curitiba, e a exposição “Elvis — Direto de Graceland”, com mais de 400 peças do acervo, em Porto Alegre e São Paulo.



Elvis Presley Enterprises, Inc.

Elvis Presley levou o repertório negro do Sul dos EUA para os grandes mercados fonográficos

Não se trata, portanto, de um cover imitando as fartas costeletas e os macacões do exórico figurino do artista. A engenharia do espetáculo preserva a voz de Elvis e a coloca em diálogo com músicos no palco, usando trechos restaurados do especial de televisão de 1968, do concerto “Aloha from Hawaii” (1973) e dos filmes “Elvis: That’s the Way It Is” (1970) e “Elvis on Tour” (1972). É uma viagem por mais de 35 canções, de “Blue Suede Shoes” e “Don’t Be Cruel” a “Suspicious Minds”, “My Way” e “Can’t Help Falling in Love”.

Nascido em Tupelo, Mississippi, em 1935, e criado em Memphis, Elvis fez do trânsito entre gospel, blues, country e rhythm and blues uma linguagem de massa. Sua primeira gravação para a Sun Records, em 1954, e a passagem seguinte para a RCA ajudaram a transformar um cantor de voz elástica e presença corporal inédita em fenômeno de rádio, cinema e televisão. Mas sua dimensão não cabe apenas na alcunha de Rei do Rock: ele abriu caminho, com todas as contradições da indústria que o produziu, para a entrada do repertório negro do sul dos Estados Unidos no mercado pop.

O concerto percorre justamente as fases dessa trajetória. Do jovem vestindo jaquetas de couro preto ao artista que lotava grandes auditórios e transmissões globais. Na versão brasileira, o baixo de Jerry Scheff, integrante da TCB Band de Presley entre 1969 e 1977 e músico de gravações como “L.A. Woman”, do Doors, faz a ligação material entre o arquivo e o palco.

SERVIÇO

ELVIS PRESLEY IN CONCERT

Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000)

5/11, às 21h30

Ingressos a partir de R$ 214

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Matu Miranda apresenta seu novo álbum

Divulgação



Matu Miranda leva “Apuama” à Petrobras Sala Jazz, na Sala Cecília Meireles, nesta quinta-feira (5), às 19h. O cantor, compositor e violonista apresenta o segundo disco acompanhado de Fofo Black, Antônio Fischer-Band e João Rafael, com participações de Chico Chico e Carlos Malta. O repertório atravessa canções autorais, parcerias e “Ave Rara”, de Edu Lobo e Aldir Blanc. R$ 40.

Uana leva seu pop brega funk ao palco do Rival

Divulgação



A pernambucana Uana chega ao Teatro Rival Petrobras nesta quinta (5), às 19h30, para lançar “A Estrela”, seu segundo álbum, álbum em que corpo, desejo, movimento e identidade ganham novas formas, ampliando a linguagem artística construída pela cantora nos últimos anos. A cantora e compositora aproxima brega funk, pop, eletrônica e referências afro-brasileiras e também revisita seu repertório anterior.

Quarteto Igor Eça revive obra de Luiz Eça

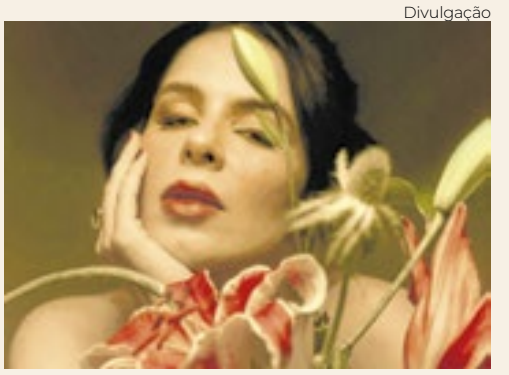
Divulgação



O baixo de Igor Eça reúne Carlos Malta nos sopros, Jurim Moreira na bateria e Marcos Nimrichter ou Itamar Assiere ao piano em “Nas Notas de Luiz Eça — Arranjos Memoráveis”, nesta quinta (5), às 20h, na Acaso Cultural. O quarteto recupera desenhos do genial Luiz Eça (pai de Igor) para obras de Jobim, Baden Powell, Edu Lobo, Milton Nascimento e outros compositores. Ingressos entre R$ 55 e R$ 200.

Mariana Volker leva seu ‘Feitiço’ ao Dolores Club

Divulgação



Entre violões, percussões e uma banda de cinco músicos, Mariana Volker lança ao vivo “Feitiço”, seu novo álbum, no Dolores Club, nesta quinta (5), às 20h30. O repertório reúne as oito faixas do disco, entre elas “É Segredo”, “Não Quero Te Querer” e “Desassossego”, além de canções de sua trajetória como o hit ‘Devagarinho”, gravado com Os Gilsons. Ingressos a R$ 60 e R$ 30 (meia).

ABRE-ALAS DO CORREIO

SÉRIE ESPECIAL
DOS ENREDOS DE 2027

MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL

Mocidade vira o mapa de cabeça para baixo

A América Latina encontra sua vocação no enredo que entrelaça pensadores como Eduardo Galeano, Ailton Krenak, Lélia Gonzalez e Milton Santos

Alexandre Macieira/Riotur



Primeira escola a desfilar na segunda-feira, a Mocidade recorre à latinidade para voltar ao topo do Grupo Especial

FRED SOARES
Especial para o Correio da Manhã

Com Jack Vasconcelos de volta ao comando e um samba assinado por seis mãos, a verde e branco de Padre Miguel abre a segunda-feira com "Latinamente Independente" Em 1943, o artista uruguaio Joaquín Torres García pegou o mapa da América do Sul, virou-o de cabeça para baixo e deu o recado: o norte, para nós, é o Sul. Não pediu licença a nenhum cartógrafo. Oitenta e quatro anos depois, a Mocidade Independente de Padre Miguel leva o desenho - e a filosofia- à Sapucaí e ainda ganha o privilégio de ser a primeira a mostrá-lo: abre a noite de segunda-feira, 8 de fevereiro.

O enredo se chama "Latinamente Independente - Nosso Norte é o Sul em Remanifesto" e foi apresentado em maio de 2026. A sinopse é de Jack Vasconcelos, e a bibliografia no fim do texto já conta metade da história: Eduardo Galeano, Ailton Krenak, Lélia Gonzalez e Milton Santos, ao lado de discos e canções. Nas palavras do carnavalesco, o desfile é "um manifesto que propõe uma revolução de visão carnavalizada na qual a América Latina toma, ou retoma, o poder".

No caminho cabem a ironia com a cultura colonizante, o ouro saqueado, os museus cheios do que não lhes pertence, os monumentos a quem não merece e o saber indígena e africano como bússola. Entra até o "quilombo tecnológico", e a alegria aparece como forma de resistência. A sinopse fecha com um aviso que serve de lema para a arquibancada: "Perdoe, mas não esqueça.".

Tem muito da disrupção tão comum de um ídolo de Padre Miguel que já partiu: Fernando Pinto. Jack é conhecido da casa. Foi dele o desfile em homenagem a Elza Soares, em 2020, que rendeu à Mocidade o terceiro lugar. Em fevereiro de 2026, o Tuiuti anunciou a saída do carnavalesco, e a Mocidade comemorou o retorno com uma frase sem cerimônia: "Jack Vasconcelos é meu novo carnavalesco para 2027!!"

Houve troca de calçada sem estardalhaço: Renato Lage, dispensado pela escola de Padre Miguel, foi cuidar do Tuiuti, e Jack fez o caminho inverso. A escola precisava mesmo de um giro. Nos últimos cinco carnavais foi oitava, 11ª, 10ª, 11ª e 11ª, e por três vezes terminou a um degrau do rebaixamento. Em 2025, escapou da queda por uma posição. Em 2026, com "Rita Lee, a Padroeira da Liberdade", somou 267,4 pontos.

É pouco para uma escola fundada em 10 de novembro de 1955, que tem seis títulos do Grupo Especial (1979, 1985, 1990, 1991, 1996 e 2017, este dividido com a Portela), uma bateria que se apresenta como "Não Existe Mais Quente" e um passado futurista que pôs a Avenida de queixo caído nas décadas de 1980 e 1990. O samba também veio com clima de manifesto. A escolha aconteceu na madrugada de 6 de setembro, numa final com quatro sambas e estimativa de mais de dez mil pessoas na quadra. Ganhou a parceria de PC Feital, com Alex Saraiça, Denilson do Rozário, André Russo, Carlinho da Chácara e Fábio Bueno. Letrista do primeiro time da MPB, Feital resumiu a vitória em poucas palavras: "Esse samba é um manifesto."

Fora da pista, a escola também mexeu nas peças. A comissão de frente teve quase 400 candidatos em testes conduzidos pelo coreógrafo Marcelo Misailidis. E a rainha de bateria é Gaby Mendes, de 23 anos, ex-passista da casa. E dentro da pista também: Evandro Malandro chega da Grande Rio para ser a voz da escola e o mestre-sala Diogo Jesus passa a ter a companhia de Rafaela Theodoro, ex-Imperatriz. Quem abre a noite na Sapucaí costuma ditar o rumo. Desta vez, o rumo é o Sul, tudo conduzido por um dos orgulhos da Zona Oeste.

FICHA TÉCNICA

ESCOLA: G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel
FUNDAÇÃO: 10 de novembro de 1955
CORES: verde e branco
PRESIDENTE: Gustavo de Andrade
ENREDO: "Latinamente Independente - Nosso Norte é o Sul em Remanifesto"
DESFILE: segunda-feira, 8 de fevereiro de 2027 (1ª escola)
CARNAVALESCO: Jack Vasconcelos
DIRETOR ARTÍSTICO: George Louzada
INTÉRPRETE: Evandro Malandro
MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA: Diogo Jesus e Rafaela Theodoro
BATERIA: Mestre Dudu
RAINHA DE BATERIA: Gaby Mendes
COMISSÃO DE FRENTE: Marcelo Misailidis
TÍTULOS NO GRUPO ESPECIAL: 1979, 1985, 1990, 1991, 1996 e 2017 (dividido com a Portela)

SAMBA-ENREDO

COMPOSITORES: PC Feital (Paulo César Feital), Alex Saraiça, Denilson do Rozário, André Russo, Carlinho da Chácara e Fábio Bueno

Desperta pioneira
No verde da bandeira
Odé Komorodé me empresta o seu ofá
É hora!
Do hemisfério oprimido
Ter o mapa invertido pra Jurupari lutar
Choramos
Por tanto sangue derramado
Entre a fome do mercado e a fúria d'ambição
Pois eles são capatazes da alegria
Opressores da harmonia, carcereiros da ilusão
Latino em tua alma matarás
Os soberanos de alcatraz
Pero sin, perder lá ternura jamás!

Eu sonhei com Obatalá e Tupã lá no Orum
Caetés na Casa Branca, a Colômbia e o Peru
Na soberania plena todos juntos somos um
Pindorama era o Quilombo dos saberes de Ogum

Os sabores do amor tem punhados de alegria
Preparados no calor da rebeldia
Grito ao Norte, não repita o amargor de tanta ausência
No Brasil, meus companheiros são heróis da resistência
Atahualpa se uniu a Tupiara
Reagiram fortemente, não assalte as terras raras
Sou de Tupã com ascendente em Pachamama
No suor que se derrama e na dor que se escancara
Independente, eu sou desobediente
Tenho molho e sangue quente e não faço concessão
Tome tenência e sossegue logo o facho
Que meu filho vire o mundo de cabeça para baixo

Toca o agueré, pra fazer revolução
Toca o agueré e respeita essa nação
O meu norte sempre foi, nossa pátria mãe gentil
Mocidade Independente do Brasil







A pintura de Mardine (acima) permanece aberta ao risco e à descoberta; Telas de Volpi (abaixo) integram a segunda parte da mostra

Inquietamente

Empresário e colecionador, o artista Edson Mardine apresenta suas obras e referências

Divulgação



A Galeria Dobra/Artnova apresenta, de 7 a 28 de novembro, a exposição "Inquietude – O neoexpressionismo de Edson Mardine + Poéticas da cor na Coleção Mardine", no 2º andar da Fábrica Bhering, no Santo Cristo. Ao lado da produção do próprio Mardine, a mostra traz obras de Eduardo Sued, Alfredo Volpi, Manabu Mabe e Ivan Serpa, com curadoria de Marcelo Rezende e entrada franca.

Mardine é artista, empresário e colecionador — três ofícios que, em sua trajetória, alimentam o mesmo motor. A pintura dele se ocupa do gesto, da forma e da cor, e tem como referências Tarsila do Amaral, Guignard e Sergio Camargo. O repertório vem de visitas aos principais museus do mundo: não como modelos a seguir, mas como matéria-prima para reconhecer, questionar e transformar.

O diálogo é com o Neoexpressionismo, movimento que ganhou força nos Estados Unidos e na Europa entre o fim dos anos 1970 e a década de 1980, quando recolocou a pintura no centro do debate artístico. Num contexto dominado pela arte conceitual e pela crítica à tradição pictórica, nomes como Jean-Michel Basquiat e Julian Schnabel reivindicaram a superfície da tela como espaço de liberdade, conflito e intensidade. A figuração, como nas obras de Mardine, pode aparecer sem a obrigação de representar fielmente o mundo: importam os sentimentos expressos e os provocados. Mais do que um retorno à pintura, o movimento representou a chance de reinventá-la, incorporando memória, subjetividade e fragmentos da cultura contemporânea — campo de tensões em que a obra de Mardine se inscreve sem perder a singularidade da própria pesquisa.

A segunda metade da mostra parte da coleção. Sued, Volpi, Mabe e Serpa ampliaram, por caminhos distintos, as possibilidades da pintura brasileira; a cor, em estruturas, desenhos ou gestos, aproxima as obras selecionadas por fricção ou por harmonia. O encontro entre a produção do anfitrião e o acervo nasce de um olhar curatorial que reconhece a permanência da experimentação. Se pintar é uma forma de inquietude, colecionar também o é: escolher, aproximar e preservar obras é construir uma narrativa pessoal sobre a arte. Entre criação e colecionismo, a exposição revela duas expressões de um mesmo impulso — o desejo de continuar descobrindo.

SERVIÇO

INQUIETUDE - O NEOEXPRESSIONISMO DE DE EDSON MARDINE

Galeria Dobra/Artnova (Fábrica Bhering - Rua Orestes, 28, 2º andar, Santo Cristo)

De 7 a 28/11, quintas e sextas (12h30 às 17h) e sábados (10h às 18h)

Grátis

SÓ CARIOQUICES



por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Do balcão de um bar, se reconstroi o espírito de uma cidade

Divulgação



Ao abrir a Casa Porto, no então esquecido Largo da Prainha, Raphael Vidal redesenhou a geografia do Centro

Semana passada contei aqui como é sentar num pé-sujo carioca sem pedir cerveja. Era a visão de quem fica do lado de fora do balcão, de guaraná na mão, olhando a cidade passar. Hoje atravesso a linha. Vou falar de quem fica do lado de dentro. Raphael Vidal.

Conheço o sujeito há pouco mais de uma década, desde quando o Largo de São Francisco da Prainha era um lugar que o carioca atravessava depressa, protegendo a carteira. Ali, a dois passos da Praça Mauá, ele abriu a Casa Porto num casarão antigo que ninguém queria. Era meio biblioteca, meio boteco.

Fui freguês da casa: pedia meu guaraná e sentava à mesa com um livro debaixo do braço. Muita gente achou que era maluquice. Alguém já viu biblioteca dar lucro? E boteco em largo abandonado? Pois a maluquice pegou. O povo começou a subir, depois a ficar, depois a voltar. Os vizinhos de porta foram abrindo as suas. A prefeitura, que costuma chegar atrasada a esse tipo de festa, olhou aquilo e entendeu que dava para fazer.

Hoje o Largo da Prainha e todo aquele pedacinho que encosta na Pedra do Sal é um dos endereços mais gostosos da cidade: mesa na calçada, samba, cozinha boa e dinheiro girando onde antes só girava o vento.

Do lado de dentro, o balcão é outra coisa. É conta de luz, fornecedor atrasado, fiscal batendo na porta e cozinheiro que não apareceu. É abrir antes de todo mundo e fechar depois do último bebum, aquele que jura que amanhã para. O freguês vê a cerveja gelada. O dono só vê a planilha.

Raphael não tem cara de urbanista nem fala como consultor. Cresceu na Freguesia, estudou filosofia, trabalhou com livros antes de trabalhar com copos. Talvez por isso entenda o que muito engravatado não entende: um bar bem plantado é capaz de fazer mais por uma rua do que meia dúzia de planos diretores.

Um bar bem plantado é capaz de fazer mais por uma rua do que meia dúzia de planos diretores

Depois veio o Capiau, no Beco das Sardinhas. Comida da roça, fogão a lenha aceso no meio do Centro, torresmo, frango caipira e carne na lata. Quem entra ali não vai só comer. Vai conhecer um pedaço do interior que a cidade grande, de tanto correr, esqueceu de visitar. E o beco, que andava cansado, ganhou fôlego novo a partir daquela comida feita na panela de barro.

Quando a prefeitura resolveu transformar a Rua da Carioca na Rua da Cerveja, adivinhe quem foi um dos primeiros a levantar a mão para entrar em campo. Ele mesmo. Abriu a Choperia Cotovelo e, como não sabe ficar quieto, foi além. No último feriadão de Finados, puxou o Festejo Carioca da Cerveja: três dias de rua fechada, palco, música e mais de 40 cervejarias, com a entrada franca. Deu tão certo que já tem projeto na Câmara para pôr o festejo no calendário oficial da cidade.

Eu, que não bebo, fico impressionado com a quantidade de coisas que a cultura do copo consegue erguer. O que o Raphael vende, no fim das contas, é encontro. Rua ocupada por gente, e não por medo. E cada porta de aço que ele levanta lembra que o Rio se recupera quando alguém resolve abrir em vez de fechar.

Já escrevi muito sobre cariocas que fazem a cidade ficar maior do que ela é: sambistas, jogadores, cronistas, gente de escola de samba. Raphael Vidal entra para essa turma pelo balcão. E com todo o merecimento. Meus respeitos a ele. E que apareçam muitos outros Raphaéis Vidais por aí, com PH ou sem, abrindo portas de aço em largos esquecidos. É assim, de bar em bar e de rua em rua, que esta cidade volta a merecer o adjetivo que sempre carregou: maravilhosa.